

o mapa de sal e estrelas

jennifer zeynab joukhadar

Tradução de Andreia Mendonça



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

*Para o povo sírio,
tanto na Síria como em diáspora,
e para todos os refugiados*

PARTE 1

SÍRIA

Ó
amado, estás a morrer de
coração partido. As mulheres pranteiam na rua. O arroz espalha-se e as
lentilhas partem-se. O linho bom é pisado. O uade flui com lágrimas. Em
que língua me disseste que tudo o que amávamos era um sonho? Eu já
não sonho em árabe — não sonho de todo. Quando fecho os olhos, vejo
os teus, amado: duas pedras pálidas no rio. Os teus braços, o mármore ra-
chado de séculos. As estrelas o teu cobertor, as colinas degraus. Costumávamos
mover-nos tão depressa quando sonhávamos. Ampara o mar no teu umbigo
e lava-me as lágrimas. As minhas e as tuas lágrimas misturam-se, adora-
do. Não queria dormir, não agora, mas tenho de o fazer. Porque é que re-
ceamos a morte quando devemos recluir tombar? Tudo colapsa em nosso
redor — a tua relva sussurrante, o arco de relâmpago nos teus pulsos. Os
planetas resgatados rodopiam para longe. Foi aqui que a minha
mãe nasceu, na curva da tua espinha? Eu sangro; a minha
carne forma asas. Até à madrugada em que fugir —
nunca regressarei, ó amado —, até essa manhã
chegar, envolve-me com as tuas mãos pálidas.
Preenche-me a boca com o nevoeiro do teu
fôlego, teu coração uma semente de romã.
Ó amado, estás comigo até ao fim,
até o mar se dividir, até a nos-
sa memória quebrada nos
completar.

A Terra e a Figueira

*

A ilha de Manhattan tem buracos, e é lá que o papá dorme. Quando me despedi dele, o seu invólucro branco vergava-se com um peso bruto, o buraco que lhe cavaram era tão fundo. E também havia um buraco dentro de mim, e foi para aí que a minha voz foi. Entrou na terra com o papá, nas profundidades do osso branco da terra, e agora desapareceu. As minhas palavras afundaram-se como sementes, as minhas vogais e o espaço vermelho para histórias esmagados sob a minha língua.

Acho que a mamã também perdeu as suas palavras, porque, em vez de falar, as suas lágrimas inundaram tudo no apartamento. Nesse inverno, encontrei sal por todo o lado — por baixo das grelhas dos bicos do fogão, entre os atacadores dos meus sapatos e os envelopes de contas, nas cascas de romãs na fruteira de borda dourada. O telefone tocava com chamadas da Síria, e a mamã sacudia sal do fio, a tentar desemaranhar os nós.

Antes de o papá morrer, nós mal recebíamos chamadas da Síria, apenas *e-mails*. Mas a mamã disse que numa emergência tem de se ouvir a voz da pessoa.

Parecia que a única voz que a mamã ainda tinha falava em árabe. Mesmo quando as vizinhas traziam assados e cravos brancos, a mamã engolia as palavras. Porque é que as pessoas apenas tinham uma língua para a mágoa?

Aquele inverno foi a primeira vez que ouvi a voz amarela como o mel de Abu Sayeed. Eu e Huda sentávamo-nos à saída da cozinha e escutávamos por vezes, os caracóis castanho-acinzentados de Huda esmagados contra o batente da porta como novelos de lã. Huda não conseguia ver a cor da voz dele como eu conseguia, mas ambas sabíamos que era Abu Sayeed a telefonar porque a voz da mamã acertava-se, como se todas as palavras

que dissera em inglês fossem apenas uma sombra delas mesmas. Huda descobriu isso antes de mim — que Abu Sayeed e o papá eram dois nós do mesmo fio, um fio de que a mamã tinha medo de perder o fim.

A mamã contou a Abu Sayeed o que as minhas irmãs estiveram a se-gredar durante semanas — as contas da eletricidade por abrir, os mapas que não se vendiam, a última ponte que o papá construiu antes de adoecer. Abu Sayeed disse que conhecia pessoas na universidade em Homs, que podia ajudar a mamã a vender os seus mapas. Perguntou: que melhor lugar para criar três raparigas do que a terra que guarda os seus avós?

Quando a mamã nos mostrou os nossos bilhetes de avião para a Síria, o O no meu nome, Nour, era uma pequenina mancha de sal. As minhas irmãs mais velhas, Huda e Zahra, azucrinaram-lhe o juízo sobre os protestos em Dara'a, coisas que viramos nas notícias. Mas a mamã disse-lhes para não serem tontas, que Dara'a ficava tanto a sul de Homs como Baltimore de Manhattan. E a mamã sabia, porque ganhava a vida a fazer mapas. A mamã estava certa de que as coisas acalmariam, de que as reformas que o governo prometera permitiriam que a Síria ganhasse esperança e esplendor novamente. E embora eu não quisesse partir, estava entusiasmada para conhecer Abu Sayeed, entusiasmada para ver a mamã sorrir outra vez.

Eu só vira Abu Sayeed nas *polaroids* do papá dos anos 70, antes de o papá ter partido da Síria. Abu Sayeed tinha um bigode e uma camisa laranja na altura, rindo-se com alguém fora do campo da objetiva, o papá sempre imediatamente atrás dele. O papá nunca tratava Abu Sayeed por seu irmão, mas eu sabia que era isso que ele era porque ele estava em todo o lado: a comer o *iftar* nas noites do Ramadão, a jogar às cartas com a avó, a sorrir à mesa num café. A família do papá tinha-o acolhido. Tinham-no feito um deles.

Quando a primavera chegou, os castanheiros floresceram de branco como grãos gordos de sal marinho sob a nossa janela. Abandonámos o apartamento de Manhattan e as romãs incrustadas de lágrimas. As rodas do avião levantaram-se como patas de aves, e eu olhei pela janela, com os olhos semicerrados, para a extensão estreita de cidade onde vivera durante doze anos e para a área verde ampla ocupada pelo Central Park. Procurei pelo papá. Mas, estando a cidade já tão distante, não conseguia mais ver os buracos.

A mamã uma vez disse que a cidade era um mapa de todas as pessoas que tinham vivido e morrido nela, e o papá dizia que todos os mapas eram na verdade uma história. O papá era assim. As pessoas pagavam-lhe para

projetar pontes, mas ele contava as suas histórias de graça. Quando a mamã pintava um mapa e uma rosa-dos-ventos, o papá indicava os monstros marinhos invisíveis nas margens.

No inverno antes de o papá ter sido enterrado, ele nunca falhou uma história de embalar. Algumas eram curtas, como a da figueira que cresceu no quintal do papá quando ele era pequeno na Síria, e outras eram epopeias tão surpreendentes e mirabolantes que eu tinha de esperar noite após noite para ouvir mais. O papá prolongou a minha preferida, a história do aprendiz do cartógrafo, por dois meses inteiros. A mamã escutava à porta, trazendo um copo de água ao papá quando ficava rouco. Quando ele ficou sem voz, eu contei o fim. Depois a história tornou-se nossa.

A mamã costumava dizer que as histórias eram como o papá fazia sentido das coisas. Ele tinha de desemaranhar os nós do mundo, dizia ela. Agora, a nove mil metros acima dele, estou a tentar desemaranhar o nó que ele deixou em mim. Ele disse que um dia eu contar-lhe-ia a ele a nossa história. Mas as minhas palavras são território selvagem, e eu não tenho mapa.

Pressiono o rosto na janela do avião. Na ilha abaixo de nós, os buracos de Manhattan parecem-se com renda. Procuo aquele em que o papá está a dormir e tento recordar o início da história. As minhas palavras tropeçam através do vidro, caindo para a terra.

Agosto em Homs é quente e seco. Há três meses que nos mudámos para a Síria, e a mamã já não derrama lágrimas nas romãs. Não as derrama em lado nenhum.

Hoje, como em todos os dias, procuro o sal onde deixei a minha voz — na terra. Vou até à figueira na horta da mamã, carregada de fruta tal como imaginei a figueira que o papá teve no seu quintal. Pressiono o nariz nas raízes da figueira e inspiro. Estou de barriga para baixo, a sentir o calor da pedra nas costelas, com os dedos das mãos cobertos de terra avermelhada. Aproximo-me para sussurrar, roçando as raízes com o lábio superior. Saboreio ar púrpura e óleo.

Um pássaro amarelo bica no chão, à procura de minhocas. Mas o mar secou aqui há muito tempo, se é que alguma vez aqui esteve. Será que o papá ainda jaz onde o deixámos, castanho e rijo e seco como um graveto? Se eu voltasse, teria chorado as lágrimas grandes que deveria ter chorado na altura, ou terá o mar secado em mim para sempre?

Esfrego o odor a água da casca do tronco da figueira. Contarei ao papá

a nossa história, e talvez encontre o meu caminho de volta àquele lugar para onde a minha voz foi, e eu e o papá não estaremos tão sozinhos. Pergunto à árvore para tomar a minha história nas suas raízes e guardá-la onde é escuro, onde o papá dorme.

— Certifica-te de que ele a recebe — digo. — A nossa preferida, sobre Rawiya e al-Idrisi. A que o papá me contava todas as noites. Aquela em que eles cartografavam o mundo.

Mas a terra e a figueira não conhecem a história como eu, por isso eu conto-a de novo. Começo como o papá sempre começava.

— Toda a gente conhece a história de Rawiya — sussurro. — Simplesmente não sabe que a conhece. — E, então, as palavras regressam como se nunca tivessem sumido, como se tivesse sido sempre eu a contar a história.

Dentro de casa, Huda e a mamã batem com tigelas de madeira e porcelana. Esqueci-me completamente do jantar especial em honra de Abu Sayeed esta noite. Posso não conseguir acabar a história antes de a mamã me chamar para ajudar, com a sua voz nervosa e zangada.

Pressiono o nariz no chão e prometo à figueira que encontrarei uma forma de a acabar.

— Esteja eu onde estiver — digo —, entregarei a minha história ao chão e à água. Depois chegará ao papá e chegará a ti também.

Imagino as vibrações da minha voz a viajarem milhares de quilómetros, rebentando pela crosta terrestre, entre as placas tectónicas que aprendemos nas aulas de ciências no inverno passado, penetrando a escuridão onde tudo dorme, onde o mundo é todo cores em simultâneo, onde ninguém morre.

Começo de novo.

* * *

Toda a gente conhece a história de Rawiya. Simplesmente não sabe que a conhece.

Era e não era uma vez uma filha de uma viúva pobre chamada Rawiya cuja família estava a morrer lentamente de fome. A aldeia de Rawiya, Benzú, situava-se junto ao mar em Ceuta — uma cidade na Espanha moderna, um pequeno município numa península africana que se projeta para o estreito de Gibraltar.

Rawiya sonhava em conhecer o mundo, mas ela e a sua mãe mal

tinham dinheiro para comprar cuscuz, mesmo com o dinheiro que o irmão de Rawiya, Salim, trazia para casa das suas viagens marítimas. Rawiya tentava contentar-se com os seus bordados e a sua vida pacata com a mãe, mas sentia-se ansiosa. Adorava cavalgar colinas acima e colinas abaixo e pelo olival com o seu cavalo adorado, *Bauza*, e sonhar com aventuras. Queria ir à busca da sua fortuna, salvar a mãe de uma vida a comer papas de cevada na sua casa de argamassa no sopé da montanha pedregosa de Jebel Musa, tentando avistar o navio do irmão ao largo da costa.

Quando finalmente decidiu partir de casa aos 16 anos, Rawiya só tinha a sua fisga para levar consigo. O seu pai fizera-lha quando ela era uma menina que atirava pedras às libelinhas, e ela não a quis deixar. Guardou-a na sacola de pele e selou *Bauza* junto à figueira ao pé da casa da mãe.

Agora Rawiya tinha medo de dizer à mãe quanto tempo iria ausentar-se, na eventualidade de ela tentar impedi-la.

— Vou apenas ao mercado em Fez — disse Rawiya —, para vender os meus bordados.

Mas a mãe de Rawiya franziu o sobrolho e pediu-lhe que promettesse ter cuidado. O vento soprou com força do lado do estreito nesse dia, sacudindo o lenço da sua mãe e a bainha da saia dela.

Rawiya envolveu o rosto e o pescoço com um pano vermelho, escondendo o cabelo recém-cortado. Disse à mãe:

— Não me demorarei mais do que o necessário. — Não queria que a mãe soubesse que estava a pensar na história que ouvira tantas vezes — a história do lendário cartógrafo que ia ao mercado em Fez uma vez por ano.

O vento abriu e fechou o lenço de Rawiya como um pulmão. Com tristeza, pensou que não sabia durante quanto tempo se ausentaria.

Confundindo a tristeza da filha com nervos, a mãe de Rawiya sorriu. Tirou um *misbaha* de contas de madeira do bolso e pousou-o nas mãos de Rawiya.

— A minha própria mãe deu-me estas contas de oração quando eu era pequena — disse ela. — Se Deus quiser, elas dar-te-ão conforto durante a tua viagem.

Rawiya abraçou a mãe com intensidade e disse-lhe que a amava, a tentar gravar o cheiro dela na sua memória. Depois montou *Bauza*, e ele bateu os dentes no freio.

A mãe de Rawiya sorriu na direção do mar. Uma vez viajara até Fez, e não se esquecera da viagem. Disse à filha:

— Todos os lugares que visitamos tornam-se parte de nós.

— Mas nenhum é mais importante do que a nossa casa. — Rawiya acreditava mais nisto do que em qualquer outra coisa que dissera. E, então, Rawiya de Benzú deu um empurrãozinho ao cavalo até virar na direção da estrada interior, passando pelos cumes altos e pelas planícies férteis do Rife montanhoso onde viviam os Berberes, na direção da cordilheira Atlas e dos mercados movimentados de Fez que chamavam do Sul.

A estrada comercial serpenteava por colinas de calcário e planícies verdejantes de cevada e amendoeiras. Durante dez dias, Rawiya e *Bauza* seguiram o caminho pela estrada sinuosa de terra batida pelos sapatos de viajantes. Rawiya lembrou-se do seu plano: encontrar o cartógrafo lendário Abu Abd Allah Muhammad al-Idrisi. Planeava tornar-se sua aprendiz, fingindo ser filho de um comerciante, e fazer fortuna. Apresentaria um nome falso — Rami, que significava «aquele que lança setas». Um nome decente e forte, disse a si mesma.

Rawiya e *Bauza* atravessaram as colinas verdejantes que separavam a curva do Rife da cordilheira Atlas. Subiram encostas altas encimadas com bosques de cedros e sobreiros onde macacos abanavam os ramos. Desceram por vales extensos com flores silvestres amarelas.

A cordilheira Atlas era o reduto do Califado Almóada, uma dinastia de berberes que procurava conquistar todo o Magrebe, as terras do Norte de África a oeste do Egito. Aqui, nas terras deles, todos os sons inquietavam Rawiya, até o bufar do javali selvagem e os ecos dos cascos de *Bauza* nos penhascos de calcário. À noite, ouvia os sons distantes de instrumentos de música e canto e tinha dificuldade em dormir. Pensava nas histórias que ouvira quando era criança — contos de uma ave perigosa suficientemente grande para transportar elefantes, lendas de vales terríveis cheios de cobras gigantes de escamas cor de esmeralda.

Por fim, Rawiya e *Bauza* chegaram a uma cidade murada num vale. Caravanas de comerciantes do Sara e de Marraquexe enchiam a planície verdejante, sarapintada com eucaliptos. A extensão verde do rio Fez dividia a cidade ao meio. As encostas do Alto Atlas lançam sombras extensas.

Dentro dos portões da cidade, *Bauza* trotou entre casas de argamassa pintadas em tons de rosa e açafrão, minaretes com coroas verdes e arcadas douradas. Rawiya deslumbrou-se com telhados de jade e jacarandás com flores púrpuras. Na almedina, comerciantes sentavam-se de joelhos cruzados por trás de cestos enormes com especiarias e cereais. As tapeçarias coloridas chamaram a atenção de Rawiya: o índigo fosco de figos maduros, paprica da cor da ferrugem. Lanternas penduradas de metal fundido e vitrais refletiam

pequenas pétalas de luz que se agregavam a becos escuros. Crianças tagarelavam pelas ruas, que cheiravam a couro curtido e especiarias.

Rawiya guiou *Bauza* na direção do centro da almedina, onde esperava encontrar o cartógrafo. Poeira das ruas tingia os cascos de *Bauza*. No calor do dia, a sombra da pedra esculpida e do azulejo era fresca, refrescante. Os gritos de comerciantes e vendedores de especiarias ensurdeciam Rawiya. O ar estava saturado de suor e óleo, do almíscar de cavalos e camelos e homens, da pungência das romãs, da doçura das tâmaras.

Rawiya procurou entre os comerciantes e viajantes, interrompendo vendas de especiarias e perfumes e sal, a perguntar por um homem que viajava com o peso de pergaminhos atados com fios de couro e esboços em papel dos lugares que visitara, um homem que navegara o Mediterrâneo. Ninguém sabia onde o encontrar.

Rawiya estava prestes a desistir quando ouviu uma voz.

— Eu conheço a pessoa que você procura.

Ela virou-se e viu um homem inclinado à frente de um camelo atado a uma oliveira. Estava sentado num pequeno pátio à saída da almedina, com o turbante branco enrolado à volta da cabeça e os sapatos de couro e o manto envoltos num esplendor de poeira de viagem. Ele fez-lhe sinal para se aproximar.

— Conheceis o cartógrafo?

Rawiya entrou no pátio.

— O que pretendes dele?

O homem tinha uma barba curta e escura, e os seus olhos, que a observavam, eram como obsidianas polidas.

Rawiya mediu as suas palavras.

— Sou filho de um comerciante — disse ela. — Desejo oferecer os meus serviços ao cartógrafo. Desejo aprender o ofício e ganhar a vida.

O homem sorriu, como um gato.

— Dir-te-ei onde o encontrares se conseguires responder a três adivinhas. Aceitas?

Rawiya assentiu com a cabeça.

— A primeira adivinha — disse o homem — é esta. — E ele disse:

Quem é a mulher que vive eternamente,
Que nunca se cansa,
Que tem olhos em todos os lugares
e mil rostos?

— Deixe-me pensar. — Rawiya afagou o pescoço de *Bauza*. A fome e o calor tinham-na deixado tonta, e a menção de uma mulher fê-la pensar na sua mãe. Rawiya pensou no que a mãe estaria a fazer — provavelmente a observar o mar à espera de Salim. Há tanto tempo que já não tinha o papá para observar a água com ela, para caminhar com ela pelo olival. Rawiya lembrou-se de, quando era pequena, o papá lhe ter falado do mar, a mulher mutável que nunca morria...

— O mar — gritou Rawiya. — Ela vive para sempre, sempre a mudar de humor. O mar tem mil rostos.

O homem riu-se.

— Muito bem.

E prosseguiu com a segunda adivinha:

O que é o mapa que levas contigo
para onde quer que vás—
o mapa que te guia, te sustém
na terra e no sol e na neve?

Rawiya franziu o sobrolho.

— Quem é quem traz sempre um mapa consigo? Quer dizer um mapa na nossa cabeça? — Ela baixou o olhar para as mãos, para as veias delicadas que percorriam a extensão do pulso e da palma. Mas, então... — O sangue cria uma espécie de mapa, uma rede de estradas no corpo.

O homem observava-a.

— Muito bem — disse ele.

Rawiya, impaciente, transferia o seu peso de um pé para o outro.

— A terceira adivinha?

O homem debruçou-se para a frente:

Qual é o lugar mais importante num mapa?

— É isso? — exclamou Rawiya. — Isso não é justo!

Mas o homem apenas franziu os lábios e esperou, por isso ela gemeu e refletiu com determinação.

— Onde quer que estejamos — disse Rawiya —, em determinado momento.

O homem esboçou de novo aquele sorriso felino.

— Se soubesses onde estavas, porque é que precisarias de um mapa?

Rawiya puxou a manga do manto.

— A nossa casa, então. O lugar para onde vamos.

— Mas tu sabes onde isso fica, se é esse o teu destino. Essa é a tua resposta final?

Rawiya franziu o sobrolho. Ela nunca sequer vira um mapa antes.

— Esta adivinha não tem resposta — disse ela. — Não usaríamos um mapa a não ser que não soubéssemos para onde íamos, a não ser que nunca tivéssemos estado num determinado lugar antes... — Então fez-se luz, e Rawiya sorriu. — Já sei. Os lugares mais importantes num mapa são aqueles onde nunca estivemos.

O homem ergueu-se.

— Como te chamas, jovem decifrador de adivinhas?

— Chamo-me... Rami. — Rawiya olhou de novo para a almedina. — Leva-me até ao cartógrafo? Respondi às suas perguntas.

O homem riu-se.

— O meu nome é Abu Abd Allah Muhammad al-Idrisi, erudito e cartógrafo. É uma honra conhecer-te.

O sangue palpitou no peito de Rawiya.

— Senhor... — Ela curvou a cabeça, atrapalhada. — Estou ao seu serviço.

— Então navegarás comigo até à Sicília dentro de quinze dias — disse al-Idrisi —, até ao palácio do rei Rogério II de Palermo, onde nos aguarda uma tarefa grandiosa e honrada.

* * *

Ainda agora comecei a contar a história de Rawiya à figueira quando um estouro distante abana as pedras por baixo da minha barriga. As minhas entranhas dão um salto. Um estrondo baixinho vem de um outro bairro da cidade, intenso e muito distante.

É a terceira explosão em três dias. Desde que nos mudámos para Homs, ouvi estrondos como este apenas uma ou outra vez, e sempre muito ao longe. É quase como a trovoada — assustadora se pensarmos demasiado nisso, mas não algo que tenha atingido a nossa casa. Nunca antes ouvi isto tão perto de nós, tão perto do nosso bairro.

As vibrações desvanecem. Espero por outro estrondo de medo, mas não acontece. Afasto os dedos da terra, com os polegares ainda a tremerem.

— Nour. — É a voz da mamã, castanha como o cedro quente, ligeiramente avermelhada nas bordas. Está irritada. — Anda ajudar-me.

Beijo as raízes da figueira e reponho a terra.

— Terminarei a história — digo-lhe. — Prometo que sim.

Rebolo para me apoiar nos calcanhares e limpo a terra dos joelhos. Tenho as costas ao sol, as omoplatas estão tensas com o calor. É um tipo diferente de calor aqui, não como em Nova Iorque onde a humidade nos faz deitar no chão à frente da ventoinha. Aqui é quente e seco, e o ar seca-nos os lábios até gretarem.

— Nour!

A voz da mamã está tão vermelha que é quase branca. Cambaleio até à porta. Esquivo-me da tela estendida que está a secar junto ao batente, os mapas emoldurados para os quais a mamã não tem espaço dentro de casa. Entro na escuridão fresca, chinelandando com as sandálias.

Dentro de casa, as paredes respiram sumagre e exsudam a pungência de azeitonas. Óleo e gordura crepitam numa frigideira, rebentando com explosões amarelas e pretas nos meus ouvidos. As cores de vozes e odores misturam-se à minha frente como se fossem projetados numa tela: os altos e as curvas do riso cor-de-rosa e púrpura de Huda, o apito de um alarme de cozinha vermelho como o tijolo, a pungência verde de fermento de padeiro.

Descalço as sandálias junto à porta da frente. Na cozinha, a mamã balbucia em árabe e estala a língua. Eu consigo compreender um pouco, mas não tudo. Palavras novas parecem brotar da mamã a toda a hora desde que nos mudámos — maneiras de expressão, coisas que nunca ouvi que parece que ela sempre as disse toda a vida.

— As tuas irmãs. Onde é que elas estão? — A mamã tem nas mãos uma tigela com carne crua e especiarias, que está a amassar, conferindo-lhe um delicado aroma a coentros. Ela trocou as calças por uma saia hoje, algo fino e azul-marinho que balança contra a parte de trás dos joelhos. Não está a usar um avental, mas não tem uma única mancha de óleo na blusa de seda branca. Acho que nunca a vi com manchas de óleo ou de farinha na roupa, em toda a minha vida.

— Sei lá. — Espreito para a bancada e vejo o que ela está a fazer — esfirra? Acho que é esfirra. Adoro o borrego condimentado com o pinhão, os discos finos de massa estaladiça da fritura.

— Mamã. — Huda aparece, vinda da despensa, com o lenço com padrão de rosas, que lhe cobre a cabeça, sujo de farinha, com os braços cheios de frascos de especiarias e molhos de ervas do jardim. Ela pousa-os na bancada. — Não temos cominhos.

— Outra vez! — A mamã atira as mãos ao ar, cor-de-rosa dos sucos do borrego. — E a preguiçosa da Zahra, hein? Vai ajudar-me com as empadas ou não?

— Aposto que está trancada no quarto. — Ninguém me ouviu. Zahra tem estado agarrada ao telemóvel ou escondida no quarto que partilha com Huda desde que nos mudámos para Homs. Desde que o papá morreu, ela ficou má, e agora estamos presas com ela. As pequenas coisas que nos faziam seguir em frente quando o papá estava doente desapareceram — comprar guloseimas na mercearia, jogar à bola nos becos entre prédios. A mamã faz os mapas, Zahra brinca com o telemóvel e tudo o que eu faço é esperar que estes dias longos e escaldantes passem.

Zahra e Huda sempre falaram da Síria como se fosse o nosso lugar. Conheciam-na muito antes de Manhattan, diziam que lhes era mais real do que a Lexington Avenue ou a Eighty-Fifth Street. Mas esta é a minha primeira vez fora da Amreeka — que é o que chamam aqui à América — e todo o árabe que pensava que sabia não é quase nada. Não sinto que isto seja o meu lugar.

— Encontra a tua irmã. — A voz da mamã estava carregada de vermelho novamente, um aviso. — Esta noite é especial. Queremos tudo pronto para o Abu Sayeed, não é?

Isso emociona-me, e eu esgueiro-me para encontrar Zahra. Ela não está no seu quarto e de Huda. As paredes cor-de-rosa suam com o calor. As roupas e joias de Zahra estão espalhadas sobre o seu edredão enrugado e o tapete. Faço o meu caminho, apanhando calças de ganga, *t-shirts* amarrotadas e um sutiã qualquer. Inspiciono um frasco de perfume de Zahra sobre a cómoda. O frasco de vidro parece uma gema púrpura, como uma ameixa transparente. Pulverizo um pouco nas costas da mão. Cheira a lilases podres. Espirro para o sutiã de Zahra.

Arredo caminho em bicos de pés pelo corredor, passando pela cozinha, e entro na sala de estar. Enterro os dedos dos pés na carpete persa vermelha e bege, arruinando a aspiração cuidadosa da mamã. Uma aparelhagem toca em alto e bom som algo que se julga ser música: trinados de guitarra vermelhos, as manchas pretas de baterias. Zahra está estendida sobre o sofá baixo, a tatear o telemóvel, com as pernas sobre o braço de padrão floral. Se a mamã a visse com os pés sobre as almofadas, gritaria.

— Verão de 2011 — diz ela de forma arrastada, acalorada. — Era suposto eu formar-me no próximo ano. Turma de 2012. Planeámos a nossa viagem de carro até Boston. Deveria ter sido o melhor ano de sempre.

— Ela vira o rosto para as almofadas. — Em vez disso, estou aqui. Estão 65°C. Não temos ar condicionado e o jantar estúpido da mamã é esta noite.

Ela não consegue ver-me a olhar intensamente para as suas costas. Zahra apenas tem inveja de que Huda tenha conseguido terminar o secundário antes de partirmos de Nova Iorque e ela não. Não parece preocupar-se de todo com os meus sentimentos, com o facto de que é tão mau perder os amigos aos 12 anos como aos 18. Dou-lhe uma palmadinha nas costas.

— A tua música é estúpida, e não estão 65°C. A mamã quer-te na cozinha.

— Nem penses. — Zahra tapa os olhos com o braço. Os seus caracóis pretos pendem do lado do sofá, os seus olhos teimosos estão semicerrados. A pulseira dourada que tem no pulso fá-la parecer marota e crescida, como uma senhora rica.

— Devias ajudar com as empadas. — Puxo-a pelo braço. — Anda. Está demasiado calor para te continuar a puxar.

— Vês, espertalhona? — Zahra lança-se do sofá, dando passos preguiçosos para desligar a aparelhagem.

— Estamos outra vez sem cominhos. — Huda entra, limpando as mãos num trapo. — Queres vir?

— Vamos buscar gelado. — Abraço Huda pela cintura. Zahra encosta-se no braço do sofá.

Huda vira o polegar na direção da cozinha.

— Há uma tigela com carne de borrego com o teu nome — diz ela a Zahra —, se não queres ir às compras.

Zahra revira os olhos para o teto e segue-nos para a rua.

A mamã chama-nos quando passamos por ela.

— Quero que se comportem na perfeição esta noite, todas vocês. — Ela baixa o queixo, a olhar para Zahra. Enfia coentros no borrego, separando a carne. — E toma, no meu bolso. — Faz sinal para Huda, erguendo as mãos oleadas. — Com alguma margem, caso o preço tenha subido outra vez.

Huda suspira e tira algumas moedas do bolso da saia da mamã.

— Tenho a certeza de que não será assim tanto.

— Não discutas. — A mamã concentra-se novamente no borrego. — Todos os preços subiram no último mês. Pão, *tahina*, o custo da vida em si. E oiçam-me bem, cuidado por onde andam. Afastem-se das multidões, nada destas coisas loucas. Vão à loja e voltam diretamente para casa.

— Mamã. — Huda dedilha a pasta de farinha seca sobre a bancada. — Não nos meteremos nisso.

— Ótimo. — A mamã olha de relance para Huda. — Mas hoje é sexta-feira. Será pior.

— Teremos cuidado. — Huda encosta o cotovelo na bancada e ergue o olhar por baixo de sobrelhas grossas, cobertas de suor. Mexe os pés, fazendo estremecer a bainha da saia fina. — A sério.

Durante os últimos dois meses, a mamã sempre nos disse para evitar multidões. Parece que aparecem em todo o lado — multidões de rapazes a protestarem, pessoas a protestarem dos protestos, rumores de lutas entre as duas. Nas últimas duas semanas, tornaram-se tão barulhentos e zangados que conseguimos ouvir as cantorias e os megafones deles por todo o bairro. A mamã diz há meses que estar no lugar errado à hora errada pode fazer-nos ser presas — ou pior. Mas, tal como em Nova Iorque, ficarmos na nossa nem sempre evita que os problemas nos encontrem.

Fecho os olhos e tento pensar noutra coisa. Absorvo todos os cheiros de especiarias na cozinha, tão profundamente que sinto as cores no peito.

— Dourado e amarelo — digo. — Massa de óleo. Eu sabia que era esfirra.

— Linda Nour, com o seu mundo de cor. — A mamã sorri para o borrego, com a testa a brilhar de suor. — Formas e cores para cheiros, sons e letras. Quem me dera poder ver.

Huda aperta os atacadores.

— Dizem que a sinestesia está ligada à memória. Memória fotográfica, percebes? Onde podes voltar atrás e ver coisas na mente. Portanto, a tua sinestesia é uma espécie de superpoder, Nour.

Zahra ri-se à socapa.

— Mais uma doença mental.

— Está calada. — A mamã esfrega as mãos. — E ponham-se a andar, por amor de Deus. São quase cinco da tarde. — Ela sacode a água dos dedos antes de os secar. — Se a eletricidade for abaixo hoje outra vez, teremos de comer borrego e arroz frios.

Zahra dirige-se para a porta.

— Boa memória, ãh? É por isso que a Nour tem de contar a história de al-Idrisi do papá umas cem vezes?

— Cala-te, Zahra. — Sem esperar por resposta, volto a calçar as sandálias e abro a porta da rua. Afasto a cortina de ramos de figueira do rosto.

Manchas de sombras movem-se nos mapas da mamã. Para lá do nosso pequeno beco, berlindes azuis de conversas chegam aos nossos ouvidos. Um carro passa apressadamente, criando um guincho cinzento com os pneus. Uma brisa branca agita as folhas dos castanheiros.

Entro na sombra do prédio ao lado, transferindo o meu peso de um pé para o outro enquanto espero que Huda e Zahra atem os sapatos. Quero pressionar o rosto novamente na terra salgada do jardim, mas, em vez disso, toco nos cantos das telas da mamã com a ponta do pé.

— Porque é que ela deixa isto tudo aqui?

Huda sai para a rua. Olha para os mapas pintados, empilhados como peças de dominó contra a parede.

— São demasiados para guardar em casa — responde ela. — Secam mais depressa cá fora.

— Os mapas não se vendem tão bem como quando nos mudámos — diz Zahra, limpando suor do lado do rosto. — Reparaste?

— Nada se vende — diz Huda. Ela toma a minha mão. — *Yalla*. Vamos andando.

— Como assim, nada se vende? — pergunto. O *hijab* com padrão de rosas de Huda bloqueia o sol. — Nós estamos sempre a comprar pistácios e gelado.

Huda ri-se. Sempre gostei da gargalhada dela. Não é como a de Zahra, nasalada e estridente. Huda tem uma boa gargalhada, rosa-arroxeadada e revirada para cima no fim. Ela diz:

— O gelado vende-se sempre.

As pedras do passeio fumegam como pão acabado de cozer, e escaldam as plantas dos meus pés através das sandálias de plástico. Salto de pé em pé, a tentar que Zahra não veja.

Viramos para a rua principal. Alguns carros e autocarros azuis circulam a praça, atravessando as faixas. É o Ramadão, e as pessoas parecem conduzir mais devagar, caminhar mais devagar. Depois do *iftar* esta noite, os homens de cabelo grisalho com barrigas cheias passearão pelas ruas da Cidade Velha com as mãos unidas atrás das costas, e as mesas das esplanadas dos cafés estarão cheias de pessoas a beberem café com cardamomo e partilhando os tubos de narguilé. Mas, por agora, os passeios estavam quase desertos, mesmo no nosso bairro maioritariamente cristão. A mamã sempre diz que os cristãos e os muçulmanos vivem em comunidade nesta cidade há séculos, que continuarão a emprestar a farinha e agulhas de costura uns aos outros durante muitos mais anos.

A pulseira dourada de Zahra sacode-se, lançando ovais de luz. Ela observa o lenço de Huda.

— Estás com calor?

Huda olha de relance para Zahra.

— Não me incomoda — responde ela, que é o que tem dito desde que começou a usar o lenço no ano passado, quando o papá adoeceu. — Tu não?

— Talvez eu use um quando for mais velha. — Levanto a mão e toco com os dedos na bainha de algodão. — Este é o meu preferido, por causa das rosas.

Huda ri-se.

— És demasiado nova para te preocupares com isso.

— Ainda nem sequer tens o período — diz Zahra.

— A menstruação não te faz crescida — digo.

Zahra inspeciona as unhas das mãos.

— Evidentemente, não sabes o que significa ser crescida.

Dobramos a esquina junto a um prédio de tijolo. O calor liberta-se do pavimento e do cabelo preto de Zahra. Ao fundo da rua, um homem vende chá de uma jarra de prata que carrega às costas, mas não tem clientes nenhuns. Senta-se devagarinho nos degraus de um prédio de apartamentos, limpando suor por baixo do chapéu.

Huda diz:

— Eu uso o lenço para me lembrar de que pertença a Deus.

Penso na nossa estante na cidade, no Alcorão e na Bíblia um ao lado do outro, a mamã e o papá a trocarem notas. A mamã costumava levar-nos à missa ao domingo de vez em quando e, em sextas-feiras especiais, o papá costumava levar-nos à *jumu'ah*.

Pergunto:

— Mas como é que decidiste?

— Um dia entenderás.

Cruzo os braços.

— Quando for mais velha, certo?

— Não necessariamente. — Huda pega-me outra vez na mão, separando-me os braços. — Apenas quando estiver na hora.

Franzo o sobrolho e pergunto-me o que isso significa. Pergunto:

— Que idade tem o Abu Sayeed?

— Porquê?

— Hoje não é o jantar do aniversário dele?

Zahra ri-se.

— Nunca prestas atenção, estúpida?

— A culpa não é dela — contrapõe Huda. — Eu nunca lhe disse. — Ela segura a mão junto à perna, com os dedos tensos. Há algo que ela não quer dizer. — Hoje é o aniversário de quando o Abu Sayeed perdeu o filho. A mamã não quis que ele ficasse sozinho.

— Ele tinha um filho? — De alguma maneira, nunca imaginei que Abu Sayeed tivesse uma família.

— E nós estamos a distraí-lo com comida. — Zahra pontapeia uma pedra e resfolega. Quase parece furiosa. — Estamos preocupadas com cominhos.

— Então, o Abu Sayeed é como nós. — Baixo o olhar para as minhas sandálias de plástico, ainda quentes das pedras do passeio. — Falta-lhe o ingrediente mais importante.

Huda abranda o passo.

— Nunca pensei nisso dessa forma.

O sol ferve os tejadilhos prateados de carros.

— Devíamos jogar o jogo do giro com ele — sugiro.

— Jogo do giro? — Zahra sorri com malícia. — Por falar em invenção.

Huda inspeciona a sinalização vertical antes de nos afastarmos da confusão de carros. Está mais fresco nesta rua, e os portões de ferro das casas estão forjados na forma de pássaros e tufos de pétalas de flores. Senhoras em vestidos imaculados regam floreiras ou abanam-se nas varandas mais altas. Passamos pela entrada de um prédio coberta de pedrinhas cinzentas e brancas, e apanho uma pedra.

Huda agarra-me na mão e aperta-a.

— O jogo do giro. Como é que é?

Eu sorrio e salto à frente dela, recuando e balançando as mãos.

— Fechas os olhos e giras. Depois a magia leva-te através de níveis diferentes, e tu contas até dez enquanto giras, uma volta por cada nível que passares. E quando abrires os olhos, as coisas parecem iguais, mas a magia torna-as diferentes.

— Níveis? — Huda inclina a cabeça na direção de vozes distantes, o estrondo preto e laranja do escape de um carro.

— Níveis de existência — explico, abrindo os braços. — Existem camadas diferentes de realidade. Como, por exemplo, por baixo desta há outra, e outra por baixo dessa. E todo o tipo de coisas acontece a toda a hora que não sabemos, coisas que só acontecerão daqui a um milhão de anos ou

coisas que já aconteceram há muito, muito tempo. — Esqueço-me de olhar para os pés e vou contra a berma da estrada.

— A Nour enlouqueceu outra vez — conclui Zahra.

— Então, estas outras realidades — diz Huda — ocorrem lado a lado com a nossa ao mesmo tempo, como se fossem correntes diferentes do mesmo rio? Então existe um nível em que o Fernão Magalhães ainda está a circum-navegar o mundo.

— E um em que a Nour é normal — goza Zahra.

— Talvez haja um nível em que temos asas — contribui Huda.

— E um nível em que conseguimos ouvir a voz do papá — digo.

As palavras capturam-me como se os meus pés tivessem ganhado raízes até ao outro lado do planeta, e paro em frente ao portão de ferro de um prédio habitacional. O pânico pesa-me nos tornozelos, a ideia de que nunca mais ouvirei as histórias do papá ou a voz dele. Porque é que uma história ausente deixaria um buraco tão grande quando não passa de um conjunto de palavras?

O Sol desce ao longo das folhas de um choupo. O quarteirão seguinte tem fileiras de mercados *halal* fechados e restaurantes de *shawarma*, cujos proprietários vão para casa cedo para interromper o jejum. Ninguém diz nada, nem sequer Zahra. Ninguém menciona que a mamã e o papá costumavam viver aqui na Cidade Velha quando Huda e Zahra eram ainda bebés. Ninguém se gaba de que conhecem todas as lojas e restaurantes, que até Zahra fala melhor árabe do que eu.

Mas sinto todas aquelas coisas, a sensação de não-pertença a esta cidade, a forma como ninguém pendura cobertores nas varandas em Nova Iorque, a forma como Central Park tinha áceres em vez de tamareiras, o facto de que não há pizarias nem carrinhos de *pretzels* nas ruas aqui. O facto de que o árabe soa estranho na minha boca. O facto de que não posso mais ir a pé para a escola com os meus amigos ou comprar pastilha elástica ao Sr. Harcourt do quiosque. O facto de que por vezes esta cidade abana e se desmorona ao longe agora, o facto de que me faz morder o lábio com tanta força que engulo sangue. O facto de que perdi o meu lar. De que, sem o papá, sinto que perdi o meu lar para sempre.

Os ténis de Huda lançam sombras vespertinas vermelhas. Os prédios de fachadas altas escancaram-se em pedra branca e amarela. Algures, alguém verte uma chávena de água pela janela fora, e as gotas escorrem brancas e prateadas para a sarjeta.

Huda agacha-se no passeio à minha frente, agarrando nas dobras da saia entre os joelhos.

— Não chores — diz ela. Seca-me o rosto com uma rosa de algodão no canto do seu *hijab*.

— Não estou a chorar, Huppy. — Passo bruscamente o antebraço no rosto, falhando o nariz. Huda abraça-me, e eu enrolo-me nela como uma tigela de madeira. Ela é quente, o calor das suas maçãs Mcintosh vermelho-douradas. Pressiono o rosto nas pregas macias do tecido onde o lenço dela toca na gola da camisa.

A gargalhada de Zahra é ruidosa como gravilha.

— Que idade tens, três anos? Já ninguém a chama Huppy.

Olho para Zahra com uma carranca.

— Cala-te.

Huda diz:

— Ela pode chamar-me o que quiser.

Caminhamos em silêncio durante o resto do quarteirão até à loja de especiarias, e Zahra foge ao meu olhar. Eu deveria ter calculado: ninguém tem falado muito sobre o papá desde o funeral. O papá é o fantasma de que evitamos falar. Por vezes, pergunto-me se a mamã e Huda e Zahra querem fingir que a doença dele nunca aconteceu, que o cancro nunca apodreceu o fígado e o coração dele. Julgo que é como o jogo do giro: por vezes preferimos estar em qualquer nível de magia menos no nosso. Mas eu não quero esquecê-lo. Não quero que seja como se ele nunca tivesse existido.

Dentro da loja de especiarias, as prateleiras estão a abarrotar de sacas e latas e frascos, tigelas abertas de pó amarelo e vermelho com pequeninas etiquetas árabe escritas à mão. Um homem sorri para nós por trás do balcão, abrindo as mãos. Ergo-me em bicos de pés e empurro os dedos na direção de cestas cheias de cravinho inteiro e sementes de cardamomo por esmagar como pequeninas contas de madeira.

Zahra agarra no braço de Huda, abanando a pulseira.

— Lembrei-me de um jogo — diz Zahra em inglês para que eu consiga perceber. Ela sorri de uma forma lenta e cuidadosa que se mostra cruel de alguma maneira. — Porque é que não deixamos a Nour pedir os cominhos?

Huda olha repentinamente para Zahra.

— Para com isso.

— Ela pode praticar o árabe — diz Zahra. Sorri com a mão sobre a boca.

O homem atrás do balcão espera, a coçar a barba que cresce. Limpo as mãos suadas nos calções. Na rua, o vendedor de chá passa.

— *Shai* — diz ele. — *Shai*.

Penso *chá*. Conheço essa palavra. Semicerro os olhos para um fio puxado numa tapeçaria nas traseiras da loja, uma linha solta de lã vermelha que estremece sobre a ventoinha. Tento lembrar-me de como se diz *quero*.

O homem por trás do balcão faz-me uma pergunta que eu não entendo. A voz dele é só descensões verdes, com pintos pretos de consoantes entre elas.

— Vá lá — diz Huda —, isso não é...

— *Ana...* — A minha voz interrompe o calor, e toda a gente se cala. Só disse a palavra *eu*. Engulo em seco, enterrando as unhas na palma da mão, usando a dor para atenuar os nervos. — *Ana...* — O meu cérebro pica e ferve, explosões solares de vermelho e cor-de-rosa, e, embora consigo lembrar-me da palavra para cominhos — *al-kamun* —, ainda não me consigo lembrar de como se diz *eu quero*. Devo tê-lo dito dezenas de vezes, mas com todos a olharem para mim tenho uma branca.

O homem diz:

— *Shu?*

O quê?

— *Ana... al-kamun.*

O homem ri-se.

— Tu és cominhos? — Zahra ri-se a bandeiras despregadas.

— *Ana ureedu al-kamun.* — Digo-o de novo, mais alto. — Eu sei dizer.

Eu sei!

— Eu sei que tu sabes — diz Huda.

Zahra regateia com o lojista. Pressiono a bochecha no ombro para evitar chorar. As moedas tinem na palma da mão de Huda enquanto ela as conta. À saída, ela solta um assobio baixo. Por cima da minha cabeleira frisada, ela sussurra para Zahra:

— A mamã tinha razão sobre o preço.

No caminho para casa, Zahra recusa-se a calar-se.

— Que tipo de síria é que tu és? Nem sequer falas árabe.

Por dentro, oiço o que ela quer realmente dizer: que eu não sei o que significa ser síria.

— Para com isso — diz Huda.

— Ah pois — diz Zahra. — Esqueci-me. Tu não és síria. Nem sequer te lembras da nossa casa antes de nos mudarmos para os Estados Unidos. És americana. Só falas inglês.

— Zahra! — Huda espeta as unhas no braço dela.

Zahra dá um berro, soltando o braço.

— Foi só uma piada. Credo.

Não parece uma piada. Zahra cruza os braços, com a sua pulseira dourada a cintilar no pulso. Quero arrancar-lha e atirá-la para a rua para que um carro a esmague.

Regressamos pelas ruas desertas da Velha Homs. O sol está vermelho e comprido. Os lojistas fecham ruidosamente as persianas metálicas. Olho em redor, procurando as raízes expostas de uma tamareira ou uma área de terra limpa e nua.

Passamos outra vez pelos tornozelos carecas do choupo torto. Imagino-me a pressionar os dedos na casca áspera, remetendo a minha voz para as raízes.